

O Jornalismo entre a Luz e a Sombra – A insuficiência simbólica do Fact-Checking como resposta ao presente

Journalism between Light and Shadow - Fact-Checking symbolical insufficiency as an answer to the present

Andriolli de Brites da Costa

Jornalista e pesquisador natural de Mato Grosso do Sul, com uma trajetória dedicada aos estudos da cultura popular e da comunicação, Andriolli Costa é doutor em Comunicação e Informação pela UFRGS e mestre em Jornalismo pela UFSC. Atualmente cursa seu estágio pós-doutoral júnior, com bolsa do CNPq, junto ao Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural (Pós-Crítica) da Universidade do Estado da Bahia.

Email: andriolli_costa@hotmail.com

Resumo

Este artigo busca reposicionar a discussão sobre a predominância das fake news e do fact-checking como resposta efetiva do jornalismo para validar seu lugar no ecossistema pós-industrial enquanto atestador único da Verdade. Em uma investigação teórico-epistemológica, apontamos que a relação entre jornalismo e Verdade sempre foi marcada por uma flexibilidade bem maior do que a narrativa hegemônica sobre o campo estabelece – uma vez que, por sua natureza fugaz e urgente, o jornalista recorreria a uma Verdade provisória e contingente na práxis diária. O que encontramos nesta validação autorreferente é o rescaldo de um imaginário Moderno e ilustrado, calcado na distinção entre o verdadeiro solarizado e as trevas da ignorância. Hoje, com o desbastamento deste imaginário, mais importante que a atestação de fatos é a organização e ordenamento da narrativa para romper com o caos informativo.

Palavras-chave

Jornalismo, Verdade, Fake News, Imaginário, Transparência.

Abstract

This article aims to reconsider the discussion about the prevalence of false news and the fact-checking as an effective Journalism response to validate its place in the postindustrial ecosystem as the sole Truth certifier. In a theoretical-epistemological investigation, we emphasize that the relationship between Journalism and Truth has always been marked by a much greater flexibility than that established by the field's hegemonic narrative as, due to its fleeting and urgent nature, journalist would resort to a provisional and contingent Truth in the daily practice. What we find in this self-referential validation is the result of a modern and illustrated imaginary based on the distinction between the solarized Truth and the darkness of ignorance. Today, with the weakening of this imaginary, more important than to testimony the facts is to organize and order the narrative to break through the Chaos of information.

Keywords

Journalism, Truth, Fake News, Imaginary, Transparency.

Introdução

No universo da oralidade popular, buscar a origem de saberes sensocomunizados é um exercício infrutífero. Desta forma, não se pode ter certeza sobre quando e onde surgiu a máxima: “contra fatos não há argumentos”. Ainda assim, se nada podemos dizer quanto à sua procedência, é possível perceber seu alinhamento pungente com o imaginário da Modernidade

iluminista do século XIX - orientado pelas gramáticas científicas empiristas e positivas, calcado na distinção entre sujeito-objeto, natureza-cultura, verdade-mentira. Não por acaso, este é o mesmo período de surgimento do jornalismo industrial tradicional, que nele consolida lógicas que fundamentam seu discurso da atualidade e que persistem até os dias de hoje.

Seja de modo latente ou patente, a primazia dos fatos sintetizada pelo adágio foi introjetada pela imprensa e seus profissionais. “A ideia – que assumiu um lugar central no jornalismo – é de que os fatos revelam a realidade em estado puro, sem a intervenção de um sujeito conhecedor” (SPONHOLZ, 2009, p. 58). E se a academia com frequência chamou a atenção para a problemática que subjaz nesta pretensa equivalência entre realidade e o relato sobre ela, hoje nos deparamos com um desafio ainda maior.

Consequência da passagem de um ecossistema midiático industrial, no qual o monopólio da informação pertencia a uma indústria de notícias mais ou menos coesa, para um pós-industrial, o jornalismo passa a compartilhar o discurso da atualidade com outras vozes comunicantes (ANDERSON, BELL, SHIRKY, 2012). Perdida inicialmente frente à democratização da informação, a imprensa passou a enfrentar paulatinamente a perda de receita, a transformação de seu modelo de negócios e o rompimento do contrato comunicativo outrora vigente. A credibilidade dos veículos sempre foi questionada, mas nunca a estes níveis.

Em paralelo, amplia-se o alcance de gurus e teóricos da conspiração, que transformam sua audiência em asseclas, mobilizam massas para seus interesses e, atualmente, até mesmo indicam cargos públicos. O espalhamento de desinformação sistematicamente compartilhada pelas redes sociais e mensageiros eletrônicos traz como peculiaridade a dissociação entre o fato a nível ontológico (isto é, o que está no mundo) do nível epistemológico (os modos de conhecer).

Se outrora o problema era tomar fato e relato enquanto sinônimos, no universo da desinformação a factualidade torna-se irrelevante. Ainda que evidências materiais mostrem, a título de exemplo, que a terra é redonda, é impossível convencer um terraplanista que suas premissas estão erradas. O entendimento de que Ciência e Jornalismo são formas de construção da realidade foi sequestrado para colocar estas instituições em cheque, ao mesmo tempo em que equiparam o conhecimento produzido por elas com especulação, opinião e crenças alimentadas pelo desejo humano da revelação dos mistérios.

As teorias da conspiração são passíveis de despertar nos indivíduos a sensação de posse sobre algo secreto e não acessível a toda a gente, fazendo-os sentirem-se especiais e privilegiados. A crença é encarada, para além da sedução pelo secretismo, como uma forma de resposta à impotência (SILVA, 2010, p. 12).

Dentro deste espectro da desordem informativa, encontramos as *fake news*. Notícias falsas construídas e divulgadas propositalmente com o objetivo de infligir mal a uma pessoa, grupo social, organização ou País (WARDLE; DERAKHASHAN, 2017, p. 77). Incorporadas ao discurso midiático a partir da eleição do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, em 2016, as *fake news* se tornaram ainda estratégia para desacreditar os veículos de mídia adversários – acusando-os de cometer a prática – à revelia de qualquer apuração, gravação ou pesquisa que mostre o contrário.

Diante de tal cenário, um caminho que vem sendo seguido pela imprensa é investir em iniciativas de *fact-checking*, de modo a tentar combater diretamente o avanço da desinformação com uma curadoria informacional destacada das editoriais tradicionais dos veículos. Neste processo, buscam reafirmar da mesma maneira o lugar do Jornalismo enquanto agente atestador da Verdade, validando seu lugar de importância no ecossistema pós-industrial.

Ao longo deste trabalho, desenvolvido na forma de um ensaio de natureza teórico-epistemológica, apontamos os motivos pelos quais esta não se mostra a melhor estratégia, sendo apenas mais uma resposta inerente a um imaginário da Modernidade que, hoje desbastado, não fornece mais as certezas necessárias para subscrever o discurso jornalístico.

Tais apontamentos são fruto de uma pesquisa em diálogo com a Teoria Geral do Imaginário, fundada por Gilbert Durand na década de 1960, identificar os fundamentos epistemológicos para a atual crise do jornalismo (COSTA, 2019). Por certo que o uso de uma teoria de vertente antropológica para lançar os olhos sobre o campo jornalístico não é uma opção frequente. Todavia, frente aos desafios que o contemporâneo nos apresenta, cada vez mais torna-se claro que para reagir aos questionamentos do presente é preciso entender a Comunicação e a mensagem jornalística para além de dinâmicas de emissão e recepção eficientes. Ao buscar informações sobre a atualidade, não estamos meramente computando inputs necessários para agir e tomar decisões sobre o presente. Estamos respondendo à uma pulsão ancestral; à uma angústia que urge ser preenchida pela narrativa.

Por outras vias teóricas, encontramos respostas muito semelhantes às propostas por Claire Wardle e Hossein Derakhshan, autores de um relatório sobre a desordem informativa que se debruça sobre a questão das fake news. Conforme os pesquisadores, para que o campo jornalístico consiga responder ao avanço da desinformação, é preciso aceitar que “o consumo de notícias e informações das pessoas é, antes e mais importante de tudo, uma maneira de reafirmar sua afinidade com uma grande narrativa dramática sobre o mundo e o lugar que ocupam nele, transcendendo fatos e dados” (WARDLE; DERAKHASHAN, 2017, p. 77). Diante deste entendimento, podemos continuar.

Luzes da Imprensa

Filho legítimo do casamento entre o Capitalismo emergente com os meios industriais de difusão de informações (GENRO FILHO, 2012, p. 32), o jornalismo tradicional emerge na modernidade do século XIX imbuído das lógicas positivas e Iluministas que permeavam todas as instituições – das artes à filosofia. Fala-se de um rompimento entre razão e o espírito; uma desobediência divina que fundamenta às lutas pela liberdade de direitos; a tecnização do fazer e do pensar para buscar a eficiência rumo aos anseios de progresso que o futuro prometia.

Apesar de hoje falarmos em um jornalismo pós-industrial, apenas o monopólio da indústria foi efetivamente superado; suas lógicas fundantes ainda persistem. Exemplo paradigmático que dá a ver esta constatação pode ser observado ao analisar o parecer sobre fake news escrito pelo então diretor da Folha de S. Paulo, Otávio Frias Filho, no dossiê produzido pela Revista USP em 2018.

Sendo o veículo que comandava um dos principais jornais do país, a Folha é frequentemente tida como metonímia do jornalismo tradicional (como ocorre com a Globo no âmbito televisivo). Com a imprensa eleita como inimigo do Estado – e do povo – a produção noticiosa da Folha passou a ter sua veracidade questionada pela simples chancela que traz seu nome. Seus repórteres, a forma mais direta de contato do jornal com o público, são da mesma maneira frequentemente alvo de ataques. Ameaças físicas, *doxing* (a exposição de dados privados nas redes com o objetivo de intimidar) e perseguições sistemáticas nas redes sociais se tornaram armas frequentes para o constrangimento e intimidação. Desta forma, é pedagógico observar a forma como o problema era encarado pelo diretor.

Para Frias Filho, as Fake News não deveriam ser entendidas enquanto um fenômeno do presente, mas como algo que sempre coexistiu com a produção jornalística. Como caso exemplar, cita os boatos de que o homem nunca teria ido à lua ou de que o presidente eleito

Tancredo Neves teria morrido vítima de um atentado, e não por infecção generalizada. “O que elas parecem ter em comum é a propriedade de se alastrar de modo principalmente oral entre camadas da população de menor instrução e informação, além de obedecer a roteiros em geral conspiratórios e delirantes” (FRIAS FILHO, 2018, p. 41).

Curioso perceber que o então diretor não menciona entre notícias falsas aquelas propositalmente perpetradas pela imprensa. Ainda sobre descobertas relacionadas ao satélite natural da Terra, poderíamos mencionar a longa cobertura feita pelo The Sun em 1835 sobre a descoberta de uma colônia de homens-morcego vivendo no lado escuro da Lua, juntamente com uma vasta fauna igualmente fictícia (GOODMAN, 2008). Isso, claro, para nos atermos a casos ilustrativamente extravagantes, sem adentrar nos episódios nos quais a imprensa tradicional foi cooptada pelo Poder e, assim, produziu e/ou publicou notícias falsas – não devido a erro de apuração, mas para benefícios de interesses específicos.

O paralelo traçado por Frias Filho exime o jornalismo de qualquer responsabilidade neste descrédito que beira a apostasia - a falta de fé - que permitiu a emergência de vozes tão dissonantes ao discurso da atualidade construído pela imprensa. Mais do que isso, elege como fonte do problema as camadas menos instruídas da população. Ainda que exista uma relação entre nível de instrução e propensão à crença, não se pode ignorar que a aderência massiva ao discurso manipulatório é fruto da articulação de acadêmicos, profissionais liberais com ensino superior completo e até mesmo jornalistas, que usam de sua influência para o espalhamento e consolidação da desinformação. A questão não é o desconhecimento ou a ignorância, mas o envolvimento com a narrativa falsa. Não há fatos contra argumentos.

Outra ponderação que deve ser considerada é a forma pela qual o diretor compreende o espalhamento da desinformação: a oralidade. Embora possamos considerar este mais um rescaldo da aversão Moderna ao não-escrito e não-documentado (portanto, não passível de verificação), há pertinência no argumento se levarmos em conta o lastro das relações interpessoais na comunicação humana. Berger e Luckmann, apontavam as relações interpessoais significativas – familiares, amigos, mestres – como a centralidade dos processos de construção social da realidade; muito além de qualquer influência que a mídia noticiosa pudesse ter. Em segunda instância, é um coro de vozes casuais que igualmente dão forma a esta realidade subjetiva.

A reiterada opinião do melhor amigo do indivíduo, segundo a qual os jornais não estão relatando acontecimentos consideráveis que se passam por baixo das aparências, pode ter mais peso do que a mesma opinião expressa pelo barbeiro. Entretanto, a mesma opinião expressa sucessivamente por dez conhecidos casuais pode começar a contrabalançar a opinião contrária do melhor amigo do indivíduo.” (BERGER, LUCKMANN, 1985, p. 201-202).

Encontramos com facilidade estes elementos mensageiros eletrônicos – em especial o WhatsApp. Levantamento feito pelo jornalista Sérgio Spagnuolo em parceria com o International Center for Journalists (ICFJ) aponta que um em cada quatro usuários de internet no Brasil usa o WhatsApp semanalmente para encontrar informações sobre atualidades (SPAGNUOLO, 2019, p. 10). Nele há uma intensa troca de mensagens não apenas entre amigos e familiares, como também a integração em grupos de desconhecidos que se reúnem a partir de assuntos em comum e reatualizam suas bolhas de interesses.

Território pouco explorado pelos veículos jornalísticos, fundamentalmente oculto das buscas virtuais e longe de amarras legais – o que favoreceu o surgimento de empresas especializadas no disparo de mensagens para favorecimento de grupos e políticos - é nessa comunicação direta que as notícias falsas encontram espaço de primazia para sua circulação.

A maioria das pessoas, em todas as épocas, tem vivido na obscuridade

de um conhecimento precário, incipiente, manietado por todo tipo de preconceitos, credences e superstições. Desde o Iluminismo, uma camada crescente – uma classe média ilustrada – vem sendo formada sob influência do método científico e do racionalismo moderno, o que tende a resultar numa atitude mais criteriosa em face das informações disponíveis. Mas essa camada está longe de se tornar maioria. (FRIAS FILHO, 2018, p. 41-42).

Diante do obscurantismo promovido pela falsidade, Otávio Frias Filho propõe uma solução tipicamente moderna: retornar ao jornalismo para encontrar nele o interventor. Aquele capaz de discernir certo e errado, verdade e mentira, inimigos e aliados. “A imprensa profissional, que adota critérios rigorosos para apurar e publicar notícias, continua sendo o farol a iluminar as fronteiras, sempre fluidas, entre o falso e o verdadeiro” (FRIAS FILHO, 2018, p. 44).

Nos estudos do imaginário, Gilbert Durand (2012) percebe na Modernidade uma fundação prometeica consolidada na ação imaginante de “Distinguir” - esta separação do eu e do outro, da luz e as trevas e de todas as demais diásporas outrora mencionadas neste texto. Tal distinção está fundamentalmente ligada a um conjunto de imagens simbólicas que se articulam nos chamados “mitos especulares”, palavra que deriva de *speculāre*, observar, espiar, relativo aos artefatos da visão. De maneira mais evidente, podemos compreendê-los como aquelas imagens que se relacionam aos olhos e suas derivações: a testemunha, o observador, o vigia.

Não é preciso compartilhar desta heurística para perceber a pertinência do simbólico-mítico. Existe uma sacralidade no ato de olhar que persiste inclusive em tempos pós-industriais, no qual o trajeto da apostasia já anda tão avançado. “O ato de testemunhar, descobrir ou entender o que é importante, e de transmitir essa informação de modo inteligível a públicos distintos, é o papel sagrado” (ANDERSON, BELL, SHIRKY, 2012, p. 109).

Podemos ampliar o espectro para perceber também a constelação de imagens relacionadas ao que permite a visão: a chama, o sol, o farol. Todas imagens facilmente reconhecíveis no campo epistemológico do jornalismo. Da mesma maneira que os olhos permitem a distinção dos perigos e acontecimentos, a cegueira, em oposição, é símbolo máximo da ignorância, do desconhecimento, do oculto que deve ser revelado pela luz da imprensa. São preceitos profundamente Iluministas e que são incorporados pelo discurso de Frias Filho, mas que poderiam ser facilmente percebidas em tantos outros depoimentos de jornalistas em atividade.

Para Rui Barbosa, o jornalismo faz as vezes dos olhos da Nação, sem os quais ficamos indefesos diante dos nossos inimigos. “Sem vista mal se vive. Vida sem vista é vida no escuro, vida na soledade, vida no medo, morte em vida” (1990, p. 21). Nação, no caso, não é sinônimo de governo, mas de povo. Isso fica claro uma vez que o intelectual tinha como seu grande desafio Campos Salles, o quarto presidente a governar a República, entre 1898 e 1902. Passado seu governo, o político havia assumido que costumava subsidiar jornalistas para garantir a opinião pública. A declaração enervava Barbosa, que percebia nesses meandros com o poder o miasma que cegaria a imprensa, tirando-lhe a virilidade e a potência transformadora (BARBOSA 1990, p. 25). Por isso, enfatizava: se a República se consagrou ao culto da mentira, à imprensa cabe a “idolatria à religião da Verdade” (1990, p 36).

Além dos olhos, propriamente ditos, o espelho oferece ferramentas para ampliar a visão. o jornalismo pode ser “o cristal que lhe clareia” (1990), uma perspectiva que reconhece maior agência por parte do público ante as informações transmitidas pela imprensa. Não sem motivo, a cristalomania é uma forma bem frequente de leitura oracular, baseada na transparência superlativa transmitida pelos cristais. Este é mais um elemento que, no tópico seguinte, nos ajudará a compreender as estratégias assumidas pelo Jornalismo no enfrentamento das fake news e o universo de significação a elas atrelado.

O ato de ver – ou, ainda mais, o de fazer ver – está ligado a um verbo muito poderoso no jornalismo, o revelar. Revela-se verdades escondidas, crimes ocultos, conhecimentos herméticos (COSTA, 2019, p. 155). Importante perceber, todavia, que está pulsão ancestral é mobilizada como resposta a angústias igualmente primevas que permeiam a experiência humana. Aqueles que se beneficiam do espalhamento de notícias falsas compreendem este substrato simbólico compartilhado que é mais pungente que qualquer dado, número ou pesquisa. Movimentam emoções a níveis fundamentais, construindo inimigos fictícios (os Comunistas, os LGBT, os “Globalistas”, etc.) tão terríveis que facticidade alguma é capaz de romper.

Em relação à temática do complô, serão evocados assim, sem grande risco de erro, os velhos terrores infantis e sua persistência tenaz através dos pesadelos da idade adulta: medo dos porões tenebrosos, das paredes sem saída que se fecham, das fossas escuras de onde não se sobe de novo; medo de ser entregue a mãos desconhecidas, de ser roubado, vendido ou abandonado (...) Do mesmo modo (...) impõe-se a aproximação com algumas das formas mais características dos delírios de perseguição. (GIRARDET, 1986, p. 57)

Diante da hipérbole assustadora dos monstros da morte que a imaginação “afia em segredo as armas que abaterão o Dragão” (DURAND, 2012, p. 123). O medo prepara terreno para uma reação: outrora foi a busca pela razão, a ciência, o conhecimento solarizado. Hoje a resposta societal parece ser outra.

Fact Checking, Transparência e os Símbolos da Modernidade

Percebemos que, no imaginário moderno que orienta as gramáticas da produção jornalística, a Verdade aparece não apenas como o Norte que deveria orientar a produção jornalística, mas também como o objeto a ser desvelado diante do público pelas luzes da imprensa – cuja manifestação básica é a notícia. Isto posto encontramos nas *Fake News*, portanto, sua oposição imediata também a nível simbólico. Não se trata puramente da mentira ou, de maneira simplista, de uma “ficção”, mas de um discurso sobre a atualidade que, ao desinformar no lugar de informar, também busca incitar a agência sobre o mundo.

Luiz Beltrão indica que, independente de acreditarmos fielmente na matéria jornalística ou considera-la um amontoado de falsidades alarmantes, no espírito do leitor “fica um princípio de ação muito débil ou oculto que, com o tempo, se fortalece, adquire consistência e dá sinais de vida exuberante” (BELTRÃO, 1992, p. 74). O atual, continua Beltrão, é aquilo que atua em nós, fazendo a potência se converter em ato. No caso, ao difundir conhecimentos e orientar a opinião pública, estes atos seriam orientados no sentido de produzir o bem comum da sociedade (1992, p. 20). Se aplicarmos a mesma lógica às *fake news*, a direção do ato orientaria, por sua vez, para o bem de alguns.

Por certo que as notícias falsas sempre existiram, mas só recentemente elas foram incorporadas enquanto negócio lucrativo de redes que capitalizam sobre as paixões extremadas. Empresas especializadas em produzir desinformação passaram a operar à boca pequena desde 2013, “aproveitando a facilidade de se produzir conteúdo sem checagem, com baixo custo editorial (...) abusando de bots e algoritmos (softwares de inteligência artificial) criados para espalhar *fake news*”. (FERRARI, 2018, p. 62). Para traçar mais um paralelo, enquanto o jornalismo tradicional se tecnifica e busca a eficiência maquinística – a imediatividade da cobertura, a objetividade precisa, o barateamento da produção – a máquina de circular falsidades segue os mesmos caminhos e obtém efeitos ainda mais intensos, uma vez que prescinde do compromisso com a Verdade.

Disso, propomos, as *fake news* não são manifestação das Trevas da ignorância e do medo que nos apavoram e se opõe à Luz. São, em verdade, a Sombra desse próprio Jornalismo luminosos, em todo o seu sentido junguiano, contendo aspectos ocultos, reprimidos e, por vezes, nefandos compartilhados pelo imaginário do campo.

Infelizmente, não se pode negar que o homem como um todo é menos bom do que ele se imagina ou gostaria de ser. Todo indivíduo é acompanhado por uma sombra, e quanto menos ela estiver incorporada à sua vida consciente, tanto mais escura e espessa ela se tornará. (JUNG, 1988, § 131)

O Jornalismo moderno evocava sobre si uma imagem de herói solarizado, grande responsável pela luz que revela a Verdade. O mesmo se pode dizer da Ciência, outra instituição igualmente atacada nos dias de hoje. Esse metadiscurso reforça dentro do campo o imaginário de separação que o validava, mas ao mesmo tempo dava forças para que a sombra crescesse em uma orientação idêntica.

A partir desta constatação, podemos lançar novos olhos sobre as iniciativas de resposta às *fake news*, calcadas especialmente no *fact-checking* e na transparência dos processos de apuração, reportagem e edição jornalísticas. Para além de uma prática básica da deontologia da profissão (a apuração) tornada nicho de mercado, como aponta Ferrari (2018, p. 121), percebemos uma tentativa de recuperar a centralidade do Jornalismo na organização do debate público neste ecossistema midiático pós-industrial, calcado na visão da imprensa como a grande atestadora do que é e do que não é verdade no discurso da atualidade.

Alguns têm considerado que as inúmeras instituições voltadas para essa atividade representam uma espécie de revanche do jornalismo contra as redes sociais. Se levarmos em conta que a verdade factual tem por base um dado de existência, tal julgamento não convém. Pouco importa se a checagem dos fatos vem do jornalismo tradicional, do jornalismo digital, de instituições convencionais, de ONGs ou de qualquer fonte que seja. O que elas representam, na realidade, é a defesa da verdade do próprio jornalismo. Quando essa verdade é vilipendiada, entramos, certamente, no campo da pós-verdade. (SANTAELLA, 2018, p. 76).

Não adentraremos aqui nos equívocos casuais que as várias metodologias de atestação da verdade por parte dos veículos jornalísticos podem causar (como aponta o empírico de SEIBT, 2019). O grande problema de esta ser a resposta escolhida pelo jornalismo não está em erros pontuais, mas no plano simbólico. Insistir nessa imagem luminosa do Jornalismo perante à Verdade é mais uma tentativa de mobilizar um imaginário especular sob uma nova roupagem. A reação não será outra que não o contra-ataque ainda mais intenso da Sombra.

A estratégia parece ainda mais ineficiente quando percebemos que, apesar de amplamente alardeada pelo campo epistêmico, a relação entre Jornalismo e Verdade nunca teve essa contiguidade que se argumenta. E não havia de ser diferente, uma vez que nesta existência em meio ao fugaz, o jornalista se veria obrigado a recorrer a uma verdade “provisória e contingente”, impossível de ser verificada pelos mesmos processos de que se serve o historiador (JOBIM, 1992, p. 28).

Lastro deste pensamento encontramos desde os primórdios da imprensa mercantil, quando Theophraste Renaudot (1586 – 1653), criador do primeiro hebdomadário francês, afirmava. " A história é o relato das coisas ocorridas, a gazeta é unicamente o eco que corre sobre elas. A primeira está obrigada a dizer sempre a verdade, a segunda, bastante faz se conseguir não mentir" (BELTRAO, 1992, p. 76).

Como pondera Jobim, as “revisões de julgamento, as mudanças de ponto de vista em face das situações novas, decepcionam o público e podem desacreditar um jornal, mas são

inevitáveis e os verdadeiros jornalistas mudam com humildade e elegância (1992, p. 28). Parecem justificativas autoindulgentes, mas dentro da lógica interna estabelecida no campo jornalístico eram coerentes com o que se buscava valorar: era impossível dar conta da urgência da atualidade exigida pela modernidade progressista sem abrir mão de certos elementos. A prática reforça o que o discurso finge ignorar. Entretanto, se este contrato comunicativo foi válido durante todo o período industrial, seria ele igualmente consistente nos dias de hoje?

A resposta, percebemos, é cada vez mais negativa. O imaginário moderno e ilustrado se desbasta com o avanço geracional, assumindo outras faces e valores, dando espaço a outros mitos que o substituem. Se a resposta ao medo da ignorância e às trevas já foi a luz que enfrenta, hoje é o recolhimento à caverna que acolhe, à bolha que protege, à narrativa que – violenta e fantasiosa que seja, dá razão e sentido a causas e grupos. Ainda a partir de Durand, podemos entender que uma mudança no regime do imaginário pode fazer com que a melhor forma de encarar a escuridão não seja o romper do dia, mas a proteção que as sombras oferecem (DURAND, 2012).

Para onde o excesso de luzes nos levou? Ciro Marcondes Filho pondera que o Jornalismo articula desde a industrialização um “Mito da transparência” no qual tudo deve ser exposto até se queimar (2000, p. 21). Para o autor, a bandeira mais recente que o Jornalismo carrega neste oceano de informação é pela “conformidade de todos ao regime da transparência, pelo fim do segredo e da alteridade” (2000, p. 112). Não interessa a quem seja preciso se submeter para ter clareza – na segurança pública, nas ações políticas, na saúde. Tudo é válido se as trevas forem varridas.

Gabriel Jacobsen Santos, em uma dissertação que investiga o imaginário da vigilância no Jornalismo, a força das imagens simbólicas que constelam a partir da ideia da transparência. Portais de transparência expondo gastos do governo, lei de acesso à informação e outros projetos e órgãos fiscalizadores semelhantes são iniciativas que se valem a partir deste ideal máximo de clareza, mas que de fato serve como chamariz que mascara as ações escamoteadas. E a supervalorização de um único aspecto imaginante certamente cobrará seu preço.

Não há peso morto no Imaginário. Os excessos são sempre compensados. Esse investimento demasiado que as instituições sociais fazem à luz, à clareza, à transparência, no regime esquizomorfo, decorrentes de uma negação de recursos “noturnos” (imagens do regime místico) fundamentais para o descobrimento do ser e dos fenômenos, volta na forma de violência. (...) A repressão do silêncio faz com que ele retorne, metaforicamente, como um barulho tão alto que ensurdece. (SANTOS, 2018, p. 121)

A transparência, aponta ele, retorna violentamente na forma de opacidade, “como luz que, forte demais, no limite, cega, desorienta e mata” (2018, p. 122). É preciso mediar também esta relação com a transparência para não se deixar enganar pelo lusco fuso e preparar o público para ela. Este valor, tipicamente moderno, é tão forte ainda hoje que Marcondes Filho entende que tudo acaba sendo perdoado desde que esta clareza exista. “Um poder que age abertamente, mesmo na injustiça, terá como crédito pelo menos um valor, a transparência” (2000, p. 124). Não por acaso comentários indisfarçadamente intolerantes de membros do governo ganham a simpatia de parte do público por “dizerem o que pensam”. Ou que os atos escusos da Lava Jato, por mais antiéticos que se mostrem, ainda angariam apoio da população.

Considerações finais

Se a atestação da Verdade não se mostra como um caminho adequado, qual seria? Em minha tese de doutorado encontro no imaginário coletivo um caminho possível. Se existe algo simbolicamente ainda mais antigo e poderoso que o medo das trevas, é a angústia diante do caos (COSTA, 2019, p. 188).

Nos deparamos frente a frente com o Caos a partir do influxo infinito de acontecimentos que nos afetam – em diferentes grandezas – neste mundo globalizado e em rede. Seja da perspectiva do magma confuso, seja na da imensidão em hiato que nos absorve, a angústia ante sua consciência é uma pulsão ancestral que nos direciona enquanto gênero humano. E é o Jornalismo, mesmo em tempos de crise, um dos grandes seus organizadores sociais. Aquele que “perante o caos da realidade, cria um cosmos simbólico – a narrativa” (MEDINA, 2008, p. 88). E quais seria estas? Certamente não àquelas castrantes, separadoras e definidoras da modernidade, mas narrativas que acolham e envolvam. Que se não oferecem respostas, ao menos ofereçam acolhimento, sem perder de vista o lastro com a humanidade que a eficiência da técnica tem deixado de lado.

Wardle e Derakhashan advogam uma solução que dialoga com a discussão aqui proposta. Para os autores, também é preciso combater narrativa com narrativa. “Precisamos enfrentar rumores e conspirações com narrativas poderosas e envolventes que se utilizem das mesmas técnicas que a desinformação (...): a capacidade de provocar respostas emocionais, a repetição, o forte aspecto visual e o engajamento” (2017, p. 78).

Para dar a ver seu argumento, os pesquisadores sugerem um exemplo bastante didático: Por conta da ampla divulgação de notícias falsas, um terço dos americanos em 2017 tinha certeza que o então presidente Obama era muçulmano¹. Ao invés de responder às *fake news* com a manchete “Barack Obama não é muçulmano”, seria mais eficiente produzir uma narrativa poderosa acompanhando um culto cristão frequentado pelo político e sua família (2017, p. 77).

A negativa, percebemos, é uma ação ineficaz. Afinal, uma vez que a apostasia diante da imprensa tradicional faz com que todo o argumento de seu discurso sobre a atualidade seja recusado, ao responder diretamente a uma *fake news* tudo o que o veículo consegue é reiterar e reforçar o discurso conspiratório que tentava refutar. É alimentar à Sombra e torná-la ainda mais poderosa.

Ainda que a explosão de iniciativas de denúncia e checagem de fatos seja admirável, há uma necessidade de entender os formatos mais eficazes para despertar a curiosidade e o ceticismo do público sobre a informação que consome e quais suas fontes. Simplesmente impor mais “informações factuais” no ecossistema, sem compreender adequadamente os elementos emocionais e ritualísticos da comunicação é, potencialmente, um desperdício de tempo e recursos. (WARDLE; DERAKHASHAN, 2017, p. 78)

Assim, diríamos, se o que engaja o público em uma notícia falsa é um desejo de reafirmar seu pertencimento a uma grande narrativa, de encontrando um lugar de ordem no caos do mundo ao qual pode pertencer, o que precisamos é narrar melhor. Organizar não de maneira mais eficiente, mas sim mais interessante, o conhecimento sobre a atualidade a ser transmitido.

Se a fundamentação na Verdade atestada pelo discurso já não se sustenta, nesta disputa narrativa entre informação e desinformação poderemos fazer como sugere Theophraste Renaudot e simplesmente não mentir. Com isso, já estaremos anos luz à frente do outro lado.

¹ Ver *Goodbye, Barack Hussein Obama: America's first "Muslim president"*, publicado pelo The Guardian em 17 jan. 2017. Disponível em <http://bit.ly/ObamaMuslinGuardian>. Acesso em 20 jan. 2022.

Referências

- ANDERSON, C.W; BELL, Emily; SHIRKY, Clay. *Post-Industrial Journalism – Adapting to the Present*. New York: Tow Center, 2012. Relatório. Disponível em <http://bit.ly/postindjorn>. Acesso em 17 Jan 2022.
- BARBOSA, Rui. **A imprensa e o dever da verdade**. São Paulo: Com-Arte; Editora da Universidade de São Paulo, 1990, 80 p.
- BELTRÃO, Luis. **Iniciação à Filosofia do Jornalismo**. 2ª ed. São Paulo: EDUSP, 1992.
- BERGER, Peter L.; LUKHMANN, Thomas. **A Construção Social da Realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. 10ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.
- COSTA, Andriolli. **O imaginário do jornalismo**: fundamentos epistemológicos para uma crise simbólica. 2019; 234 pgs. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.
- DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**: introdução à arquetipologia geral. São Paulo, Martins Fontes, 2012. 4 ed.
- FERRARI, Pollyana. **Como sair das bolhas**. São Paulo: Educ, 2018.
- FRIAS FILHO, Otavio. O que é falso sobre fake news. In: **Revista USP**. São Paulo, n. 116, 2018, p. 39-44. Disponível em <http://bit.ly/ArtigoFriasFilho>. Acesso em 14 jan. 2022.
- GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide** - para uma teoria marxista do jornalismo. Florianópolis: Insular, 2012.
- GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Cia das Letras, 1986.
- GOODMAN, Matthew. **The Sun and the Moon**. New York: Basic Books, 2008.
- JOBIM, Danton. **Espírito do Jornalismo**. São Paulo: EdUSP, 1992.
- JUNG, Carl. **Psicologia e religião ocidental e oriental**. Obras completas, v. 11. Petrópolis: Vozes, 1988.
- MARCONDES FILHO, Ciro. **A saga dos cães perdidos**. São Paulo: Hacker, 2000.
- MEDINA, Cremilda. **Ciência e jornalismo** – Da herança positivista ao diálogo dos afetos. São Paulo: Summus, 2008.
- SANTAELLA, Lucia. **A Pós-Verdade é verdadeira ou falsa?** Barueri: Estação das Letras e Cores, 2018.
- SANTOS, Gabriel Róger Jacobsen. **Imaginários da vigilância**: as imagens simbólicas no jornalismo de referência brasileiro. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2018.
- SEIBT, Tais. **Jornalismo de verificação como tipo ideal**: a prática do fact-checking no Brasil. 2019. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação. UFRGS., Porto Alegre, 2019. Disponível em: <http://bit.ly/TeseTaisSeibt>. Acesso em: 20 jan. 2022.
- SILVA, Sandra. **Teorias da conspiração**: sedução e resistência a partir da literacia mediática. 2010. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, 2010. Disponível em: <http://bit.ly/TeseSandraSilva>. Acesso em: 20 jan. 2022.
- SPAGNUOLO, Sérgio. **Whatsapp as a tool for news**: lessons from Brazil's 2018 election. ICJF, 2019. Disponível em: <http://bit.ly/ICJFWhatsApp>. Acesso em: 20 jan. 2022.
- SPONHOLZ, Liriam. O que é mesmo um fato? Conceitos e suas consequências para o jornalismo. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 18, p. 56-69, dez. 2009.
- WARDLE, Claire; DERAHASHAN, Hossein. **Information disorder**: Toward an interdisciplinary framework for research and policy making. Council of Europe Report. 27 set. 2017. Disponível em: <http://bit.ly/InformationDisorderReport>. Acesso em: 20 jan. 2022.